

DIÁRIO  
DA CASA  
ARRUINADA  
**T I A G O F E I J Ó**

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Daniel Zanella e Kyanja Lee

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F297d FEIJÓ, Tiago. 1983–

Diário da casa arruinada – Tiago Feijó – Penalux:  
Guaratinguetá, 2017.

168 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-270-5

1. Romance I. Título

CDD B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



# I

*2º dia sem fumar*

*ou*

*O travesseiro, corruptor de sonhos*

8 DE JULHO DE 2011.

Ontem, antes de me recolher, refleti muito sobre o preâmbulo que me tomou tarde e noite. Por duas vezes o li de cabo a rabo. Não desgostei de todo do meu estilo. Não posso dizer, porém, que dormi satisfeito. Apesar disso, antes de me dar inteiramente ao sono, pretendi conceber as primeiras linhas do relato de hoje e adormeci concebendo-as. Visto que a cabeça foi dar no travesseiro repleta de sonhos e palavras confusas, despertei hoje esquecido das poucas linhas que pude fabular. Estou certo, entretanto, de que não se assemelhavam a estas que ora escrevo. Pelo contrário, sei que eram bem outras as linhas de ontem. E me pergunto: para onde fugiram as minhas linhas, as linhas de ontem, com as suas palavras ainda em desalinho? Em que região dentro de mim elas se exilaram? Ponho-me a pensar se ficarão eternamente ocultas como tantas outras que meditei e não escrevi? É hora de me conformar e dá-las por perdidas. “...



*au revoir...*”. As linhas se foram, mas ainda me recordo do princípio que lhes deu origem e norte: tinha me decidido a principiar este relato com a narrativa direta e objetiva das sensações que me nasceriam devido à falta do cigarro. Pretendia escrever algo sobre o comportamento do meu corpo em estado de abstinência; a ascensão do nervosismo após as primeiras horas; o controle da ansiedade, que em mim já é um leão tenso e indômito; os meios que adotaria para resistir, para persistir; as becesses de uma vida sem cigarro; a luta. Tudo isso entraria neste relato de hoje devidamente discriminado: as primeiras vinte e quatro horas sem fumar. Se não o iniciei com esta narrativa prestabelecida, foi porque acordou comigo uma velha conhecida minha, uma coisa que me dá e que foi batizada pelo Ruivo de “crítica do amanhã”. Explico.

Gostávamos, eu e o Ruivo, de perder algumas tardes às margens do caudaloso rio que serpenteia esta cidade. Ficávamos ali, estirados na grama, os olhos metidos na turbulência das águas. E era como se os nossos pensamentos fossem barcos soltos na flor da correnteza luminosa. O tempo instilando longos minutos, crescendo em horas largas. Vezes, conversávamos mesmices sopradas no vento; vezes, graves assuntos que o rio cuidava de levar em suas mais fundas águas. Era sempre o rio que nos incutia ideias de partir. Era ele, para nós, o senhor maior dos que erram em vales sempre os mesmos. Certa vez, numa noite de interminável tempestade, embalado pela chuva, escrevi uma ode para o rio. Não a tenho de cor, mas não me esqueci do seu título, chamei-a de “Ode colossal a ti, rio de minha terra”. Não pude adormecer aquela noite. O entusias-

mo que me invadiu foi avassalador, fiquei pasmo perante minha obra de arte. Inúmeras foram as vezes que a li em voz alta, fazendo coro com a tempestade que rugia terra afora. Lembro que, em hora morta da noite, colhi da estante um Álvaro de Campos e cotejei minha ode com as dele. E me pareceu, no torpor da insônia, que eram equivalentes. Imponentes, tanto as dele quanto a minha. Fui me deitar era quase manhã nascida, extasiado com a ideia de ser um poeta de tamanha vastidão. Dois dias depois, estirado às margens do rio, li para o Ruivo minha obra-prima. Era a primeira vez que a relia depois da inspirada noite em que ela veio ao mundo. Verso por verso, ruína por ruína, minha alegria foi se desfazendo, se desmantelando. Perdi de uma hora para outra o extasiamento diante daquele poema. Nem fui capaz de terminá-lo, achei-o repugnante, infantil, minúsculo. Blasfemei contra ele uma porção de nomes feios, amassei as folhas num rancor descontrolado e fiz menção de lançá-las às águas do rio. Daí a voz irrompeu, rouca e pigarrenta. Era o Ruivo, o cigarro no canto da boca e os olhos mergulhados nas águas turvas do rio. Não esqueço, é como se a voz dele ecoasse ainda agora dentro da minha cabeça. *“...um minuto, meu caro Quim, um minuto. Não seja precipitado. Não cabe a você julgar a tua própria arte. Não é de você que deve vir o veredicto: obra-prima ou nada. Não. Cabe a você apenas, e já é bastante, concebê-la, executá-la e, se for o caso, dá-la a alguém que a leia e decida, consagrando-a ou desprezando-a. E, se acaso esse alguém desprezá-la, quem será capaz de afirmar que para ela só existe desprezo? Acaso não haverá no mundo um único homem que possa desfrutar do teu poema com admiração e respeito? Quan-*

*tos artistas não padeceram outrora com o desprezo e a incompreensão ofertados a sua arte? Os maiores e melhores, certamente. E você, escreve para quem, para ti ou para os outros? E você, quer escrever o teu poema, quer cantar o rio da tua terra ou quer escrever o poema de Pessoa e cantar o Tejo? Os tempos mudam, os homens também. Você mesmo, dias atrás, não se regalava com a tua ode e agora quer dá-la ao rio? Não há nada pior para um artista do que a crítica do amanhã. O momento de rever aquilo que se criou na noite passada. Sem o mistério profundo da noite, sem o acalanto da tempestade, sem o descompasso do coração, tudo parece pequeno e medíocre. Paciência, Quim. Paciência. Não se cria uma obra de arte num único dia. Deus criou a dele em sete e é possível encontrar nela uma infinidade de defeitos. Paciência. Mostre-me um homem que não tenha passado por isto: ao se deitar, repousou no travesseiro a cabeça repleta de planos e decisões; ao despertar, encontrou-a vazia e descrente. O travesseiro, meu caro Quim, é um velhaco corruptor de sonhos...”.*

Não me esqueci destas palavras, nem creio que as esquecerei. Guardo-as como um tesouro no meu coração-baú. E apesar de tomá-las como certas e verdadeiras, elas não foram capazes de me dissuadirem de pôr fim a tudo que escrevi. Nem mesmo hoje acredito que elas possam me ajudar. Porque hoje, hoje despertei com a cabeça vazia e descrente dos planos e das decisões que tomei ontem. O travesseiro esta noite, velhaco como ele só, corrompeu todos os meus sonhos.

Quando reli, hoje pela manhã, alguns excertos do meu preâmbulo, me dei conta de que o tema que me faz escrever este diário é mais que tolo, é ridículo. Não há nada de grande para se escrever sobre um homem que decide parar de fumar.

Nada. E se, em contrapartida, há umas poucas coisinhas pequenas a serem ditas, estas poucas coisinhas pequenas não ocupariam sequer duas folhas deste caderno. Além do mais, seriam sempre as mesmas coisinhas: um nervosismo que eclode na segunda-feira e que se aplaca na terça; uma vontade desvairada de fumar depois do almoço de quarta, a resistência desesperada até a manhã de quinta; um otimismo alegre que desperta na sexta e desaparece no sábado; um domingo lento e insuportável, sem o descanso de um único trago; e na segunda: o nervosismo que torna a eclodir. Sempre as mesmas coisinhas, poucas e pequenas. Quem será capaz de ler isso com admiração e respeito? Céus. “...*não posso ceder. Não quero ceder...*”. Depois de muito refletir acerca da realização deste diário, estive prestes a desistir e a fazer com ele aquilo que fiz com todos os meus papéis: rasgá-lo ou queimá-lo. Intrometeu-se na minha reflexão a ideia revolta de ir até a bodega da esquina e comprar cigarros, fumar e selar de vez o fim desse projeto utópico. Estorvado de impaciência, me ergui mesmo da cadeira, a decisão reinava certa, cheguei a pegar as chaves de casa, mas parei com a mão na maçaneta da porta do escritório. Da lembrança veio a voz rouca e pigarrenta. “...*paciência, Quim. Paciência...*”. Enfim me controlei e eis-me aqui escrevendo aquele instante de cegueira. Acabei desistindo de desistir.

A ideia de fumar, porém, perdurou, me percorrendo o sangue e me subindo à cabeça de hora em hora. Então, para efeito de distração, entrei a calcular o tempo que até agora eu acumulara pacientemente: quase vinte e uma horas, quase um dia sem cigarro. Fiquei calculando e computando outros núme-

ros e só saí deles ao ouvir a voz da minha pequena, que acabava de acordar, bradando pela sala. Papai, papai, quero chocolate, quero chocolate. Corri do escritório e a encontrei de pijama e de pés descalços no chão. Ao dar com ela, esqueci cigarros e números. A pequena trepou no meu colo e eu belisquei a sua barriguinha redonda. O pescoço dela ainda guardava um cheiro morno de sono, que respirei inteiro ao lhe segredar na concha da orelha. Chocolate, chocolate, é chocolate quando dorme, é chocolate quando acorda, é chocolate o dia todo; agora, mocinha, é hora do café da manhã. Mas eu quero chocolate, papai, por favor, redarguiu ela, fazendo careta devido às beliscadelas. Carreguei-a para a cozinha, onde Irene já se encontrava de braços abertos para tomá-la de mim. Bom dia, Irene. Bom dia, seu Quim. Diga bom dia à Irene, filhota. E a pequena, ensaiando perspicácias. Bom dia, Irene, eu quero chocolate. Rimos, Irene e eu, e Selene saltou para os braços abertos da pequena mulher.

Após o café da manhã o desejo de fumar resolveu pegar em armas e me acostrar novamente. Era quase que diabólico. Há anos e mais anos que eu fazia sempre a mesma coisa: carregava da mesa do café o jornal ainda fresco, me trancava com ele no escritório, acendia um cigarro e fumava lerdamente, bebericando a derradeira xícara de café. Todo o planejamento do meu dia estava neste instante de bebericação e leitura. Hoje de manhã, todavia, pela irregularidade do hábito, meu planejamento resolveu não se fazer. Fiquei emperrado no vão de um dia vazio. Sem planos pela manhã, me peguei andando de lá para cá, daqui para lá, vagando desolado pelos cômodos



da casa. Logo eu, inimigo inveterado do tédio. Não fosse por isso, não haveria problema algum em passar uma manhã sem planos, ainda mais agora que estou de férias: trinta dias de férias; trinta dias sem revisar os artigos dos colaboradores e sem precisar escrever a coluna sobre Literatura. Nestes trinta dias o jornal sairá sem mim. Eu estou absolutamente livre.

Madalena acordou tarde, pouco depois da chegada de meu pai, que veio almoçar conosco e pegar a encomenda de dois quadros pintados por ela. A agência bancária em que meu pai é gerente cogitou a necessidade de vestir suas paredes nuas com alguma coisa calma e plácida. Ele então encomendou dez quadros a Madalena. Os dois primeiros já estavam prontos. Almoçamos, os cinco, numa farta mesa preparada por Irene. Depois, visto que Madalena esquecera um dos quadros em seu ateliê, resolveram buscá-lo, meu pai e ela. Eu, sem planejar plano, resolvi improvisar algum. Peguei um pequeno livrinho de Rabindranath Tagore, intitulado *Pássaros Perdidos*, e fomos, eu e Selene, nos perder no parque da cidade, onde havia balanços para ela e sombras para a minha leitura. Passamos a tarde lá. A tarde é que não passou como costumava passar em dias de parque: lépida e deliciosa. Pelo contrário, se arrastou com sofreguidão e sofrimento, acabando por se tornar enfadonha. Não consegui me concentrar em nada, nem nos poemetos alados de Tagore, nem nas rissonhas brincadeiras de Selene, que fabulava mundos distantes. Eu alternava entre a inquietude e o devaneio. A certa altura, me peguei a observar absorto os pássaros que fugiam de árvore em árvore e, no lago, os peixes que nadavam à flor da água. Não sei por quanto tempo estive as-



---

Este livro foi composto em Sabon Next LT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2017.

---

